

**QREN - Aldeias de Memória**

## **História de Vida**

de

**António Gonçalves**

registada em 2009-02-10  
por

Cláudia Simões e Carla Aguiar



## **António Gonçalves**

António Gonçalves nasceu na Mourísia, no dia 30 de Maio de 1933. Os seus pais chamavam-se José Gonçalves e Maria do Céu. Com o pai numa quinta, em Lisboa, e depois numa moagem, a mãe trabalhava na agricultura, para sustentar os cinco filhos. Das brincadeiras com os irmãos recorda quando ordenhavam as cabras e pelo caminho bebiam o leite e os jogos que faziam. Com 8 anos entrou para escola, por vontade da mãe, e fez até à terceira classe. O caminho de três quartos de hora para a escola foi feito algumas vezes descalço, “para chegar rápido, para não chegar atrasado”. Conheceu a sua esposa enquanto trabalhavam juntos, nas serras e florestas, e do namoro, às escondidas, surgiu o casamento. Viveram em Almada, durante 29 anos, onde nasceu uma filha.

# Índice

Identificação António Gonçalves.....	4
Ascendência José Gonçalves e Maria do Céu.....	4
Infância "Malandrice de novos".....	5
Educação "Quantas vezes fui descalço".....	6
Religião A religião há muitos anos.....	6
Casa As casas de antigamente.....	7
Namoro "Eram mais tímidos".....	7
Casamento Um casamento pobre, mas com tudo.....	8
Descendência "Se amanhã isto vira ao contrário não sabe fazer nada".....	10
Percurso profissional Do campo para a cidade.....	11
Costumes Culturas e tradições.....	13
Pessoas "Ele viu-se e desejou-se para criar ali a freguesia".....	21
Lugar "Não digo que está mau porque mau esteve no tempo em que eu me criei".....	21
Filosofia "No Verão isto torna-se mais bonito".....	22
Quotidiano "Só para gasto de casa".....	22
Sonhos Saúde para todos.....	23
Avaliação "Como é que foi a vida dos avós e dos bisavós".....	23

## **Identificação *António Gonçalves***



**António Gonçalves (com 25 anos)**

O meu nome é António Gonçalves. Nasci na Mourísia. A data de nascimento é 30 de Maio de 1933.

## **Ascendência *José Gonçalves e Maria do Céu***

O meu pai chama-se José Gonçalves e a minha mãe Maria do Céu. O meu pai esteve anos em Lisboa. Trabalhava lá numa quinta. Depois trabalhou na fábrica da farinha. Era na moagem, por exemplo, a carregar sacos de farinha ou de trigo ou de centeio para a moagem. A minha mãe trabalhava na agricultura a semear milho, feijão, batata. Comia-se o que se tinha. Tinha-se cabras, ovelhas,

roçava-se o mato. Deitavam-se para os campos a pastarem. Era preciso guardá-las para elas não fugirem. Durante a noite nos currais punha-se-lhes pasto para elas comerem. Elas amassavam o mato para pôr na fazenda. Na quinta cavava-se vinha e preparava-se os terrenos para as hortaliças.

Éramos cinco irmãos. Já somos só três. Dois já faleceram.



**Avó e tia de António Gonçalves na Mourísia**

### **Infância "*Malandrice de novos*"**

Quando ordenhávamos o leite às cabras, eu e um irmão meu, pelo caminho bebíamo-lo. No caminho púnhamos-lhe água para ser governo. Depois a minha mãe quando chegava a casa para coalhar o leite para fazer o queijo, não coalhava. Fazia-se o queijo, só que ele não coalhava. Era mais água que era leite. Esta é uma das que a gente fazia.

Uma vez fizemos um buraco no caminho, tapámos o buraco, uma senhora caiu. Não se aleijou porque não calhou. Era malandrice de novos. Podia-se ter aleijado. Podia ter partido uma perna ou duas. A gente ria depois cá longe. Malandrice de malandros.

Isso a gente lá brincadeiras era jogar à cocha, ao fito. Jogávamos aí ao lenço, ao anel. Jogar à bola. A bola que havia era a bola de trapo. Eram os brinquedos que a gente tinha lá nos recreios. Para jogar à cocha fazia-se um buraco no chão e era com uma bola de madeira. Um bocado de madeira e metia-se mesmo no buraco. O fito era uma pedra ao alto e outra a mandar. Assim nos entretínhamos.

## **Educação "*Quantas vezes fui descalço*"**

Entrei para a escola só com 8 anos, porque o meu pai, que Deus tem, nem tinha vontade de eu ir para a escola. A minha mãe é que queria. A primeira coisa que aprendi foi o ABC e a contar até dez. Ainda fiz só até à terceira classe.

A escola era aqui na Moura da Serra. Era à antiga, mas até tinha boas condições. Tínhamos que ir a pé e vir. Às vezes dias maus. Três quartos de hora para cada lado. Quase uma hora para cada lado. Às vezes ainda demorava menos porque já ia atrasado.

Por vezes antes de ir para a escola ainda teria de ir buscar um molho de mato para as cabras. Depois ia atrasado, até me descalçava. Quantas vezes fui descalço. Deixava os tamancos debaixo de um moiteiro debaixo de uma coisa e ia descalço para chegar rápido, para não chegar atrasado.

Agora já comem na escola, mas no meu tempo tínhamos que levar a buchita. Vinha lá às vezes fria. E tinha que estar seca. Ou um bocado de queijo e pão ou umas batatas fritas. Uma latazita de uma coisa, e o pão. E passava-se mal.

Era sempre aí 14, 15, às vezes até 20 alunos. Era conforme os anos. Conforme a rapaziada que ia nascendo. O que é era tudo na mesma sala. Era primeira, segunda e às vezes terceira. Cada um dava as suas matérias separadas, mas era tudo na mesma sala. Tanto os da primeira, como os da segunda, ao lado dos da terceira. Era só até à terceira classe. A partir da terceira classe já se tinha que ir para outro lado.

Tinha uma professora. Era muito boa professora. Não batia a ninguém. Primeiro a mim nunca me bateu. Só que ela punha-os lá de joelhos a um canto um bom bocado. Eram os castigos que ela dava. Muito boa professora. As pessoas cá nesse tempo levavam a gente desde a primeira classe. Eu fui só até à terceira, mas foi sempre a mesma professora.

## **Religião *A religião há muitos anos***

Tenho o Crisma. A doutrina era normal, simples. Havia uns catecismozinhos. Começámos pelo Padre-nosso, pela Salvé Rainha, por aí fora. Parte das coisas já não me lembro. Era em Pomares. Aos domingos. Íamos a pé e vínhamos. O padre quando vinha cá de vez em quando também dava instruções. A doutrina era assim.

## ***Casa As casas de antigamente***

A casa tinha só três divisões. Era uma sala e dois quatinhos. Só. A gente tinha que se despir quase cá fora para entrar lá para dentro. Ora, num era o casal, o meu pai e a minha mãe. No outro às vezes era a monte. Em cima de colchões. Até em cima de palha só. Isso depois eram cheios de palha de centeio.

A cozinha era pequena. Era quase encostada à sala, mas era à parte. Era à entrada da porta. Mais pequena que a minha salinha agora. Era rasa. Há as que eram fundas, com lareira. A minha era rasa. O forno era por cima do solho.

Na loja metia-se lenha, batatas em arcas. Às vezes maçãs. Assim géneros de fazenda. Ainda havia um compartimento que metiam o porco.

## ***Namoro "Eram mais tímidos"***

A minha esposa nasceu em Almada, mas foi criada cá praticamente. Quando ajudávamos a enleirar, às vezes trabalhávamos juntos. Andámos nas serras, florestas.



**Etelvina e António Gonçalves (1968)**

Comecei a namorar tinha 26 anos já. A minha esposa é mais nova que eu dois anos. Isso era complicado. Tinha que ser às escondidas. Não podia ser muito às claras. Tinha que ser longe às vezes. Não sei explicar. Eram mais tímidos. Os pais metiam medo às pessoas. Às vezes, iam buscá-la ao baile. Quando a iam buscar sabe Deus, com medo que alguns rapazes estivessem junto com ela.

### **Casamento *Um casamento pobre, mas com tudo***

#### **"Eu tinha apenas 3 contos naquela altura"**

Eu casei ainda com 26 anos. Fazia 27 daí a dois dias que casei. Ela tinha 25 anos.



**Etelvina, esposa de António Gonçalves (Mourísia, 1969)**

Pedi em namoro a ela primeiro. Depois é que foi aos pais. Disseram que sim, tudo bem.

Os preparativos foram muito maus. Os meus pais eram pobres. Tanto do meu lado, como do lado dela era tudo pobre. E eu tinha apenas 3 contos. Naquela altura 3 mil escudos era dinheiro hoje em dia não é nada. A vida era barata.

O casamento pelo menos do meu lado foi quase à minha conta. Roupas, foi tudo à minha conta. Ela, o nosso padrinho ainda lhe comprou o fato e ainda comprou os sapatos, mas o meu fato tive que o comprar eu à minha conta. Tinha 3 mil escudos e ainda comprei outras coisas mais. Porque a minha mãe e o meu pai não tinham dinheiro para isso. E a minha mãe até era contra o casamento. Porquê, porquê não sei. Não sei nem nunca soube. No fim de tudo fiquei ainda com 500 escudos.

Já se ganhava 20 escudos. Era o meu ordenado cá na floresta. Com esses 20 escudos é que eu fui e arranjei dinheiro para o casamento.

### **"Não havia posses para lua de mel"**

O casamento foi em Pomares. Fomos a pé e viemos. Fui à freguesia. Na altura iam juntos, mas não iam agarrados um outro ao outro. Íamos no mesmo rancho familiar. Foi um casamento pobre, paupérrimo. Digo porque então saiu-me um casamento pobre. Ir a pé daqui até longe para se casar.

O meu fato era um fato preto às riscas brancas e o da minha mulher era azul. Azul claro. Um vestido com um véu.

A boda foi feita em casa. Em casa dos meus sogros. Dos pais dela. Isso hoje em dia é feito nos restaurantes e os pais é que entram com a massa e os noivos a passear, mas naquela altura não. Os pratos era carne de cabra ou de ovelha e canja. Matava-se uma cabra ou uma ovelha. Depois havia o arroz-doce e tigelada de sobremesas, que isso fartava. Os coscoréis também. Pão-de-ló. Era assim que se fazia o casamento. E foi assim que se fez o casamento. Não havia posses para lua de mel. Eu com 500 escudos ia para onde?

Fomos morar para a casa onde estou nestes dias, só que ela não era assim. Era abarracada e o telhado era em lousa, baixinha. A casa era de uma cunhada minha. De uma irmã da minha mulher. Eles não estavam cá. Ela vivia nessa altura com o marido em Leiria.



**Os noivos Etelvina e António, acompanhados  
pelos padrinhos, no dia do casamento (1960)**

Continuámos a trabalhar aí na fazenda, depois aí por um mês ela ficou cá e eu fui trabalhar para Almada. Ela ficou cá ainda dois ou três meses a fazer o resto da agricultura que havia para fazer e depois foi lá ter e estivemos lá 29 anos seguidos.

**Descendência "*Se amanhã isto vira ao contrário não sabe fazer nada*"**

Tenho uma filha só. Tivemos um filho, mas já nasceu morto. Depois tive a minha filha. Lá em Almada já. Ela andou na escola até ao sétimo ano parece. Se amanhã isto vira ao contrário não sabe fazer nada de agricultura. O mal é esse.



**Isabel Moreira (com 11 anos), filha de António**

## **Percurso profissional *Do campo para a cidade***

### **"O primeiro ordenado que eu ganhei era 10 escudos de sol a sol"**

Saindo da escola fui para Almada para uma quinta guardar ovelhas. Com 12 anos. Estive lá ano e meio e depois voltei para a Mourísia.

Depois estive cá. Andei aí por essas serras nas florestas, nas estradas. Apanhar aí uns maus bocados também. Mau tempo. A trabalhar no duro aqui na serra. Saía-se de manhã de casa ainda escuro a apalpar por esse caminho fora, e de sol a sol. Ganhava-se pouco. O primeiro ordenado que eu ganhei aí era 10 escudos de sol a sol. Depois passei para 15, depois para 18. Era o meu ordenado cá na floresta. Isto foi de solteiro. Quando fui para Almada já se ganhava 20 escudos por dia, mas de sol a sol. Depois é que passou a dez horas e passou a oito horas, no fim de ter ido para Lisboa.



**António Gonçalves (com 18 anos), no dia em que foi à inspecção**

### **A trabalhar nas obras**

Tinha 24 anos fui para Almada para as obras. Comecei pelas obras. Andei antes, em solteiro. Depois apanhei uma doença. Tive um problema pulmonar. Andei-me a tratar. Estive internado no hospital nos Capuchos. Vim para cá com 25 anos. Depois melhorei, casei. No fim de casar voltei para lá. Com 27 anos já. Fiquei cá um mês, nem isso e depois voltei para lá.

### **"A minha profissão era lubrificador"**

Trabalhava numa oficina de automóveis. Eu estive em duas apenas. Em 29 anos só conheci dois patrões. Na primeira o encarregado que estava lá é que me propôs aquilo. Ele é que me foi orientando, que me foi ensinando como é que se fazia. De maneira que quando fui para a segunda oficina já vinha preparado. Já mexia em todos os carros. Fui chamado por um cunhado meu. Já lá trabalhava e foi por ele que eu fui para lá.

Aquilo era stand de carros novos. Preparação deles. Era eu que os preparava, que os lavava ali com aquela cera, os óleos e os níveis. A minha profissão era lubrificador. Aprendi à minha custa.

Gostei. Em princípio até gostava. Mesmo agora depois de reformado não me importava de lá estar. A minha mulher é que não gosta. Não quer.

Estive lá 29 anos. Em Almada é que eu vivi sempre. Morava em Almada e trabalhava em Lisboa. Foram 29 anos a atravessar o rio. Às vezes, quando chegava a terra até respirava fundo. Tinha medo de andar no barco. Passei das boas.

### **"Vim embora também"**

Estou aqui na Mourísia já há 21 anos. Já depois de vir de lá. Mas vim sem reforma. A minha mulher reformou-se antes. A reforma antecipada por invalidez. Ela queria vir para cá. Teimava em vir para cá. E eu o que é que havia de fazer?

- Então queres ir tu para lá e eu fico cá? Então vais para lá não pode ser.

Vim embora também. Despedi-me do meu patrão. Vim embora também. Tentei a reforma. Não consegui reformar-me. Só me reformei depois com a idade.

## ***Costumes Culturas e tradições***

### **"As luzes apagam-se"**

Mourísia deriva de mouros, portanto deviam ser mouros que lhe deram este nome. A primeira história será essa. Deriva de Mouros. Eu já tenho 75 anos, lembro-me desde que me criei, dos barracos do outro lado dos outeiros. Ainda há lá paredes escangalhadas que era onde os mouros viviam. Tinham um barracozinho de cada lado feito em pedra, em xisto. Com o tempo foram desaparecendo. Ainda há lá vestígios disso. Devia ser do tempo dos mouros. É por isso que isto se chama Mourísia, Moura da Serra, Forte da Mourísia. Deriva tudo do Mouro.

Havia uma espécie de uma levada em cima de umas pedras por aí fora que se conhece ainda roçado. E há um buraco chama a gente também Buraca dos Mouros ali uma lomba. É o nome que lhe deu a gente de cá Buraca dos Mouros. Por baixo do chão, por baixo da serra. Já tentaram muitos ir lá ver o que é que está num certo sítio, mas as luzes apagam-se e ninguém consegue ver o que é

que se passa lá dentro. Lá nesse buraco, nessa entrada, a luz apaga. Eu por acaso nunca lá fui. Nunca lá entrei, mas sei quem já lá foi. Até a minha filha e a minha mulher também já foi. Tentaram lá ir com um gasómetro, apaga-se tudo. Não se consegue.

### **"Festa de caçoila"**

Os santos padroeiros são a Nossa Senhora da Assunção e Santo António. São os dois padroeiros de cá na Mourísia. Há festa todos os anos, mas é só missa e pouco mais. Há uma procissão, mas só de vez em quando, só quando prometem. De resto não há já cá gente. Os santos ainda são muitos. Querem pô-los todos na rua, mas a gente não tem posses e às vezes nem se pode.



### **Procissão de Nossa Senhora da Assunção**

Agora a festa faz-se em Agosto, mas quando era novo era em Maio. Dia 3 de Maio é que se fazia a festa cá. Era também só a missa e o resto era caçoila em casa. Comer carne, comer arroz-doce também. Era assim que era a chamada festa de caçoila.

Havia bailaricos, isso havia. Divertimentos. Eram diferentes que são hoje, mas tornavam-se ainda mais engraçados. Aquelas modas mais à antiga, agora é tudo mais moderno. Eu também já não gosto, só lá vou às antigas. As raparigas agarradas aos rapazes, os rapazes às raparigas. Ou o marido à mulher ou a mulher

ao marido. Isto aqui não é só solteiros nem novos. É tudo quem quiser, quem pode, dança.

### **Como fazer queijo**

O queijo era feito em acinchos. Chamava-se acinchos. São redondos, em folha e furados. Era assim que se faziam os queijos. O leite era preparado num tachinho de barro, punha-se-lhe o coalho ou o cardo. Chamava-se o cardo. Era o fermento. É assim, tem que se pôr o fermento para coalhar senão não coalha. Punha-se um bocadinho e depois aquilo coalhava.

### **"Os presuntos, era o que se vendia para comprar outro porco"**

O porco depois de estar criado, depois de ter carne suficiente matava-se. Não era todos os anos. Era conforme as posses. Desmanchava-se. Punha-se, a gente chamava, numa salgadeira de madeira. Punha-se sal para conservar. Era a conserva. Não havia frios não havia nada nessa altura punha-se na salgadeira. Conservava e depois a gente ia comendo. Era o conduto que a gente tinha para durante o ano. Era a carne de porco. Agora a gente já tem outros governos, mas naquela altura era o conduto de todo o ano. Às vezes, um bocadinho de bacalhau, mas isso era quando o rei fazia anos.

O porco abria-se ao meio, tirava-se-lhe as tripas. As tripas eram bem lavadas depois enchia-se. Umam enchiam-se de farinheira, outras de carne e outras de sangue, morcela. Depois iam para o fumeiro curar. No fim de curar a gente punha-as em conserva. Também para ir comer de vez em quando. Para não comer tudo de uma vez. Não podia ser de uma vez. E as carnes mesma coisa. Que se ia lá à salgadeira. Eram conservadas em sal e assim se ia comendo.

Os presuntos, que era o melhor do porco, era o que se vendia para comprar outro porco, porque não havia posses. Se não nos compravam não havia dinheiro, para porco. Ou se vendiam ou se salgavam. Depois a gente cada vez que queria ia e cortava uma fatiazinha e ia comendo com pão com broa. O resto da carne é que era conservada depois em sal e ia-se comendo conforme era preciso.

### **Do milho ao pão**

Nestas encostas aqui por aí fora, cavava-se e semeava-se centeio. E dava bom centeio. Tinha-se que se lavrar a terra.

Nesse tempo havia cá juntas de bois. Os bois é que lavravam bocado a bocado e cada um tem o seu bocado, a sua sorte. Não era à balda. Depois de lavrado semeava-se o milho. Gradava-se. Era com uma grade. Depois algum, a gente acabava por o meter para a terra com um pau. Daí vinha-se a criar. Mas dava muito trabalho. Tinha que se regar até ter espiga até dar grão. Era muito trabalhoso. Isto tudo manual.

A desfolhada, isso era engraçado. A carregá-lo é que nem por isso, mas nas desfolhadas era engraçado porque às vezes juntávamo-nos umas pessoas. Depois aparecia uma espiga daquelas roxas. Aquilo era uma brincadeira. Era aos abraços, aos beijos uns aos outros as raparigas e os rapazes. Aquilo era um fandango. Era assim.

Agora já há uns eléctricos, mas aqui na ribeira havia uns moinhos tocados a água. Aí é que era moído. Naquelas mós, tocadas a água, aí é que se fabricava a farinha. Os moinhos eram de vários. Aquilo era por herdeiros. O que havia em minha casa era de uma data de herdeiros. Havia muita gente a dar dele. Às vezes, até era de uma família. Conforme na altura que os fabricavam. Cada um tinha o seu tempo, dias, ou até horas, às vezes.

Depois uma farinha servia para tratar dos porcos, para temperar as lavagens. A outra era para fazer pão para gente comer. Para cozer broa. Que era como a gente se governava. Era com broa.

Peneirava-se a farinha, porque claro, o milho tem casca. Pegava-se, peneirava-se para apartar a casaca. Depois aquecia-se água ao lume, nas fogueiras, que ainda eram fogueiras, não é como agora. Punha-se a farinha numa gamela específica, de madeira. Punha-se um bocadinho de centeio, porque o milho só, tornava-se muito áspero. Amassava-se com a mão. Fiz isso muita vez. Muita vez a minha mãe não podia. Amassava-se. Depois de amassada aquilo levava um fermentozinho também para levedar. Quando ela começava a estar lêveda começava a abrir a massa. Punha-se com rachazinhas. Quando ela começava com rachas, estava lêveda. Íamos aqui ao mato, ou ao campo cortar umas moiteiras ou umas carquejeiras. Já se tinha acendido o forno. Assim que estava pronto, varria-se o forno. Varriscava-se. Chama-lhe a gente um "rodo" para trazer tudo para a porta do forno. Metia-se no forno de cozer o pão para não ficar lá carvoeiro. O fundo do forno tinha que se limpar bem limpinho com um mato verde para não ficar lá carvão nenhum, se não o fundo da broa vinha com carvão. Varria-se bem varrido e depois tendia-se. Fazia-se broas. Com uma pá metia a broa lá dentro. Depois punha-se-lhe a porta e ia-se vendo se ela se queimava ou não. Tinha que se ir lá à horinha sem se queimar, se não era prejuízo.

O forno era de vários também, às vezes. Por acaso havia em minha casa. Era de umas três pessoas, mas tudo da mesma família. Então estava numa propriedade de um, mas pertencia aos outros todos. Não podiam cozer todos no

mesmo dia. Tinha que ser. Nem se cozia todos os dias. Era, às vezes, de oito em oito dias. Um dia cozia um, outro dia cozia outro e assim sucessivamente. Não podiam cozer todos ao mesmo tempo. Havia quem se aproveitasse logo a seguir. Quando cozia o primeiro o outro logo a seguir aproveitava porque custava menos a aquecer o forno. Gastava menos lenha. Isto era oportunidade.

### **Uma terra muito fria para a azeitona**

Aqui na Mourísia nunca houve assim muita azeitona. Não. Havia quem tivesse oliveiras, mas não era cá. Era em Sobral Gordo, Sobral Magro. Ainda se fazia muito azeite aí. Três ou quatro pessoas. Tinha aí muito azeite, mas isto aqui não se dá muito bem para as oliveiras. É muito frio. A azeitona aqui dá pouco. Dá aí umas três ou quatro oliveiras, mas é raro o ano que dão.

### **"Por vezes chegava a casa tinha a porta fechada à chave"**

Os bailes eram giros. Era mais ou menos até à altura do Carnaval. Depois vem a Quaresma e na Quaresma já não há nada. Só depois pela Páscoa e assim por aí fora, de vez em quando. E era só aos domingos. À semana não havia. À semana era para trabalhar no campo, na vida normal. Agora aos domingos à tardinha é que se faziam os bailaricos. Até desses bailes tenho uma grande história.

O baile aqui às vezes não agradava. Não sei. Por causa das raparigas, por isto ou por aquilo. E às vezes ia para fora da terra. Aconteceu-me duas vezes. Fui para fora da terra para o baile. Cheguei a casa a minha mãe tinha a porta fechada à chave. Tive que ir dormir ao palheiro. Foi a primeira vez. Depois na segunda vez aconteceu-me o mesmo. Digo assim:

Bom, não vale a pena me estar a afectar.

Eu não tinha problemas. Não dormi na rua. Ela não queria que eu saísse. Ela tinha razão. Se tínhamos cá raparigas na terra, para que é que havíamos de ir para fora? A gente é assim quando é novo. Por vezes chegava a casa tinha a porta fechada à chave. Eu bem batia à porta.

### **"Lá se arranjavam umas chouriças para se assar"**

O Natal não era como é hoje, não. Nem ninguém ligava a isso. O Natal era um dia como os outros. O Natal é todos os dias. É preciso é tempo para fazê-lo. A gente nem saía de casa. Não havia convivências. Era só cada um em sua casa.

Lá se arranjavam umas fogueiras lá se arranjavam umas chouriças para se assar e lá se diferenciava um bocadito da coisa, mas não era assim nada de especial. Hoje em dia é que se dá cá prendas. Eu agora depois de velho é que recebo prendas da minha filha, dos meus netos. Naquele tempo não havia prendas para ninguém. Ninguém se lembrava cá de prendas, nem menos prendas. Hoje em dia é que já é tradição. A minha filha e o meu genro e os meus netos vêm passar o Natal e vêm carregados de prendas. Até digo que nem queria nem nada, mas é tradição, é tradição. Lembro-me estar aqui mais a minha mulher até à meia-noite para abirmos as prendas, para estarmos aqui a convivemos. Eu às vezes queria-me ir deitar e sabe Deus como eu passo os natais. Mas é família, filha e netos com certeza que tudo bem. Tem que ser assim.

Agora é o bacalhau com hortaliça que é o mais tradicional. Mas há outros pratos sem ser isso. Nós em casa praticamente é o bacalhau. Antigamente não. Era o que calhava. Não havia tradições.

### **"Nem era a castanha inteira pilada"**

Quando éramos novos é que nos juntávamos uns quatro ou cinco rapazes. Eram mais rapazes. Andávamos aí de porta em porta a pedir as Janeiras. Andávamos de porta em porta a pedirmos e cantávamos umas "larachas" tal, tal para os convencer. Só assim é que se convenciam. Até cantava o fado, mas já não sou capaz. Cantava com um colega meu que tocava uma concertinazita e eu cantava o fado com ele. Mas hoje já não tenho voz para isso. Se tivesse voz cantava, mas já não tenho.

As Janeiras que nos davam, nem era a castanha inteira pilada, eram aqueles bocados de quando elas pisavam. Não eram inteiras. As inteiras eram algumas para as venderem e outras para comerem. E todos contentes que íamos comendo aquilo. Dinheiro não. Não havia dinheiro. Às vezes, lá vinha um que dava uma chouricita.

### **"Ficava tudo a rir"**

No Entrudo, já não me lembro como é que elas eram, mas fazia-se partidas. Isso, às vezes, fazíamos. Ia-se buscar um pinheiro. Tapava-se com palha por aí fora, agarrava-se um gato daqueles que se podia agarrar, metia-se dentro de um cântaro e punha-se lá em cima. Depois a gente deitava lume ao pinheiro, à palha. Quando chegava, lá em cima, o lume partia o nagalho, que estava a segurar o cântaro com o gato. O cântaro caía cá em baixo, o gato pirava-se e ficava tudo a rir.

## **Antes era o padre, mas agora é por leigos**

A Páscoa era como outro dia qualquer. Havia as boas festas. Assim como hoje ainda há. Agora é por leigos. Antigamente era o padre, mas não era todos no mesmo dia. Isto era por freguesias. Um dia numa, outro noutra. Depois iam os mordomos, andavam todos juntos. Hoje é diferente. Hoje é só na aldeia e os próprios da aldeia. É a própria aldeia que faz as boas festas. Já não andam cá os mordomos todos das serras de um lado para o outro. São só os próprios da aldeia.

Primeiro vem um com a Cruz a dar a beijar. Depois dão as boas festas.

- "Boas festas, nesta casa haja paz e alegria."

Trazem a caldeira com a água benta, umas coisinhas, uns cumprimentos, a despedida e está.

Há um senhor que todos os anos é nomeado o mordomo Santíssimo. É o foliar para o padre e é a esmola para o Santíssimo. Leva assim duas coisas.

## **"Uma luz assim a andar é um fenómeno"**

A gente cá quando ia regar, como isto era por horas e por dias, às vezes até tinha água para regar de noite. Tinham que regar mesmo à meia-noite. Uma vez qual é o meu espanto quando saí daqui vejo uma luz, uma lanterna. Fui indo por aí fora e a luz escapou a serra para o outro lado. Isso vi eu algumas vezes. Não sei se eram bruxas, se não eram. Diziam que elas se juntavam de noite às tantas onde havia, a gente chama-lhe os relveiros, uns assentos aí nas serras. Diziam que elas se juntavam a dançar. Eu nunca vi. Só essas luzes acesas. Uma luz assim a andar é um fenómeno.

Para mim não sei se eram boas ou eram más. Não me apareceu nenhuma. Se me aparecesse assim ia saber. Eu não as conheço.

## **"Ninguém podia falar, se não estavam sujeitos às consequências"**

Também tenho ouvido falar do João Brandão, mas isso já não é do meu tempo. Ele tinha cavalos, chegava aí mandava-se pelas casas das pessoas dentro e, se elas fossem teimosas, punha os cavalos a comer nas arcas do milho que as pessoas tinham. Se havia alguma coisa de beber, ele comia, bebia e ninguém podia falar, senão estavam sujeitos às consequências.

## **"Parecia uma pessoa, mas não era"**

Lobisomens, isso também vi uma vez. Só me aconteceu uma vez. Parecia uma pessoa, mas não era. Não havia de ser. Uma vez estava lá em casa onde me criei e ouvi um barulho. Vim à janela espreitar às tantas da noite. Vi aquilo lá na estrada ao fundo da casa, fazia um barulho tremendo. Digo assim:

-Falam em lobisomens, se calhar é isto.

Mas como isto desapareceu, pronto, não há nada. Era tipo homem. Dizem que se transformam, se é ou não...

## **O Castanheiro e as castanhas**

O Castanheiro da Memória tem à volta de 400 anos no mínimo. Tem sete janelas. É todo oco por dentro e tem uma portinhola, não sei como é que chama. Por isso vieram cá pessoas há quatro ou cinco anos, ou mais. Está dado como entidade pública embora seja do dono. Está no nome do dono, mas está dado como entidade pública. Já têm vindo cá várias pessoas até de longe.

Agora já não se faz, mas fazia-se várias vezes aí o magusto. Ia-se buscar caruma ao pinhal. Punha-se no terreiro no largo. Punha-se uma camada de castanha em cima. Agarrava-se-lhe o fogo, o lume e depois punha-se mais outra camada, ia-se mexendo e assim se assavam as castanhas. Depois púnhamo-nos todos à volta a comer e a beber a sua pinga, mas não era água-pé. É vinho cá da nossa região. O nosso vinho cá se calhar é mais ou menos como a água-pé. Era assim que se faziam as patuscadas as serenatas. Chama-se serenata.

## **"Sabia tanto como um médico"**

As doenças curavam-se era com chás. Pimpinela, flor de sabugueiro e mais várias ervas, mas essas tenho eu fixas. Curei eu muita vez com isso. Flor de sabugueiro com mel e pimpinela. Há uma planta chamam-lhe salva. Era boa para o chá para a dor de cabeça.

Sabia e sei hoje ainda. Eu conheço-as a todas. Há muito mais. Há quem diga que todas as ervas servem para curar, mas a gente é que não as conhece se passar por elas. Mas a maior parte das ervas que há faziam, às vezes, os medicamentos que a gente toma hoje em dia.

Havia um que era barbeiro. Ainda me consultei muita vez com ele. Chamava-se, tinha um cavalito, andava a cavalo e vinha cá. Foi enfermeiro no Hospital de São José, mas sabia tanto como um médico, porque ele estudava nos livros que eles estudavam. Ele estava na Benfeita e era barbeiro, mas de qualquer maneira para estas coisas assim ele percebia.

Agora temos que ir ao médico. Temos médico de família, mas estão longe. O meu é em Côja por exemplo, o meu médico de família. Ou vamos ao hospital às urgências. Ainda aqui há dias fui pelo menos duas vezes. Ainda não está bom, ainda ando a tomar medicamentos.

### **"Mais tarde já era de mota, agora já é de carro"**

O correio havia aí um que andava com umas maletas aí ao ombro. Mais tarde já era de mota, agora já é de carro. Agora há uns tempos que já não é distribuir assim de mota. É tudo de carro. Todas as aldeias já têm estrada.

Havia ali uma caixa geral para depois a gente pôr ali as cartas. Depois levantavam as cartas à noite, de vez em quando. Às vezes, iam levar a casa, outras vezes tinha que se lá ir buscar. Quantas vezes abriam-nas para ver os segredos de quem recebia as cartas. Ainda sabiam primeiro o que vinham nas cartas do que sabiam os donos. Se havia cartas da namorada ou do namorado ficava tudo descoberto.

### **Pessoas *"Ele viu-se e desejou-se para criar ali a freguesia"***

O Monsenhor António Pereira de Almeida não era de cá, era da Moura da Serra. Estava na Guarda. Só frequentava ali a freguesia, a Moura, quando era nas férias. Nem sei a especialidade dele. Era mais que padre. Criou a freguesia na Moura da Serra. Era ele a fazer força para um lado e outros a fazer para o outro. Ele viu-se e desejou-se para criar ali a freguesia. Ele era natural dali, só que nunca viveu ali. Era só quando vinha de férias é que frequentou ali a igreja. Com a ajuda de alguém, mas foi ele é que criou a freguesia aqui na Moura da Serra.

### **Lugar *"Não digo que está mau porque mau esteve no tempo em que eu me criei"***

A Mourísia melhorou muito. As nossas ruas era tudo rocha. Foi tudo cimentado, fez-se estas ruazitas todas. Tudo isso melhorou muito. Nem nada que se pareça que está de ruas e caminhos e estrada. A estrada primeiro que veio para

cá também era macadame. Depois foi alcatroada aqui, mas não foi há muitos anos. E outras coisas mais. Temos as capelas por exemplo. Foram alargadas e melhoradas. Temos duas. A capela do Santo António e a de baixo que é a da Senhora da Assunção. São os padroeiros cá da terra.

As casas melhoraram muito. Por exemplo, a minha era baixinha e era de lousa e depois é que a melhorei. A pouco e pouco conforme eu pude e fiz já obras por três ou quatro vezes conforme eu tinha o dinheiro.

Veio a água também. A água veio há muitos anos. Está cá uma fonte há muitos anos. Até está no largo, a data em que foi inaugurada. A luz veio mais tarde. Mas desde que sou novo tudo isso modificou. Quando eu me criei a gente pouco ou nada saía de noite, mas quando saía tinha que ser com um candeeirito a petróleo ou uma lanterna para se deslocar. Agora não. Agora já temos luz durante a noite.

Melhorou muito, porque agora já vem a camioneta buscar os alunos. Se for preciso vem uma carrinha buscar e trazê-los. Não é como no meu tempo. E mal de nós se assim fosse. Agora já me tenho dito: ainda dizem que isto está mau. Isto nunca esteve tão bom. Até a respeito a outras coisas. Não digo que está mau porque mau esteve no tempo em que eu me criei. Agora nunca esteve tão bom.

## **Filosofia "No Verão isto torna-se mais bonito"**

Daqui gosto de tudo. Gosto do ambiente, gosto do bom tempo, gosto dos ares. São melhores que nos locais grandes. Quando o tempo está bom, quando está mau ninguém gosta. No Verão isto torna-se mais bonito. O mato tudo verdejante, tudo florido. Isto é tudo flores, tudo amarelinho. No Verão aqui passa-se bem, mas no Inverno até gostava mais de estar em Almada. Só que as possibilidades não dão.

## **Quotidiano "Só para gasto de casa"**

Agora que estou na reforma vai-se trabalhando na fazenda, vai-se semeando umas batatas, uns feijões. Tenho dois ou três coelhitos, tenho três galinhas. E assim se vai vivendo. Mas só para mim. Não dá para negociar. Só para gasto de casa.

Vou tratar de uns coelhitos que tenho. Não estão aqui perto, estão lá longe. Tem sido assim o meu dia-a-dia. De resto quando está bom também tenho videiras para arranjar. Estão podadas, mas estão por amarrar. Tenho que começar a preparar a terra para semear umas batatitas. A gente o conduto tem que comprar

tudo. Agora milho também já não se cultiva muito. O padeiro vem cá dia sim, dia não trazer o pão à gente. É a nossa vida do dia-a-dia.

### **Sonhos *Saúde para todos***

Eu já não tenho grandes sonhos. O que eu preferia mais era ter saúde e a mulher. Só que ela é pouca.

### **Avaliação "*Como é que foi a vida dos avós e dos bisavós*"**

Isso é bom. Acho bem porque até eu tenho netos. Um já tem 25 anos, o outro tem 17 e posso ter bisnetos, daí a amanhã. Se isto vai para sites, às vezes, os miúdos sabem trabalhar com informática. E vêm a saber o que é que foi a nossa vida, como é que foi a vida dos avós e dos bisavós e todos por aí fora.